

Igreja em marcha

Recensão do livro *Igreja na migração e colonização : a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense*, de Osmar L. Witt

(São Leopoldo : IEPG/Sinodal, 1996. 148 p.)
(Teses e Dissertações, 8).

A presente publicação foi apresentada originalmente como dissertação de mestrado no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo (RS). Consiste de duas partes. Na primeira parte (“A colonização das terras do Rio Grande do Sul”), de caráter introdutório, o autor apresenta uma descrição do contexto social e econômico brasileiro — especialmente do Rio Grande do Sul — à época de sua formação e à época em que iniciou sistematicamente a imigração alemã. Aqui, procura explicar as condições para o surgimento dos processos que teriam os imigrantes e seus descendentes como protagonistas. A segunda parte do livro (“O Sínodo Rio-Grandense e o acompanhamento aos migrantes e imigrantes”) diz respeito ao tema propriamente dito, o Sínodo Rio-Grandense e a pregação itinerante. Suas subpartes (“O período pré-sinodal”; “O período sinodal”; “O pastorado itinerante no Sínodo Rio-Grandense”) deixam evidente uma tentativa de periodização. O ano de 1891, quando se reuniu a 5ª Assembléia do Sínodo Rio-Grandense, em São Sebastião do Caí, na qual foi criado oficialmente o cargo de pregador itinerante, revela-se como cesura básica para a periodização.

Na primeira parte do livro é apresentado um resumo minucioso da bibliografia existente sobre a história econômica e social do Rio Grande do Sul, a história da imigração e a história do protestantismo de imigração no sul do Brasil. Para a questão da pregação itinerante e do Sínodo Rio-Grandense, o autor propôs-se a avaliar relatórios de obreiros, impressos nos periódicos *Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien* e *Der Deutsche Ansiedler*. Quanto à forma de abordagem, Witt escreve o seguinte:

Quisemos fazer ver como é que os obreiros compreenderam sua tarefa e também possibilitar ao/à leitor/a que forme a sua opinião. Em segundo lugar, mantivemo-nos atentos para descobrir nas entrelinhas a visão que os próprios colonos tiveram da

presença da Igreja em seu meio. Essa visão nem sempre coincidia com a daqueles obreiros. É preciso insistir nesta leitura da história da Igreja, pois para melhor compreendê-la é preciso ouvir o povo que a compõe. (P. 3.)

Avaliando os resultados, é possível dizer que esse objetivo foi alcançado. Sem forçar o texto, o autor soube resistir à tentação de escrever uma história de heróis da fé — os obreiros do Sínodo — e buscou relatar os anseios e preocupações das pessoas, a importância dos “pastores livres” e a luta pela autonomia das comunidades. Por outro lado, também evitou o extremo de, de forma sectarizante, demonizar a figura do pregador itinerante como uma espécie de “opressor” da fé e da espiritualidade populares. Um exemplo da abordagem diferenciada presente no tratamento dado às fontes se encontra na p. 61, onde é abordado o confronto de representantes do Sínodo com os “pastores livres”:

Se quisermos fazer uma avaliação desta prática de as comunidades escolherem livremente seus pastores entre homens sem uma formação específica, levando em conta apenas o desempenho daqueles que ocuparam esta função, por certo chegaremos a uma conclusão ambígua. Houve aqueles que eram dedicados ao seu ministério, realizando-o com zelo e fidelidade. Houve também aqueles que fizeram do pastorado apenas uma forma de ganhar dinheiro ou de, pelo menos, manter-se.

Para valorizar mais ainda este esforço de ler nas entrelinhas das fontes primárias, teria sido conveniente explicitar um pouco mais suas intenções. Assim, os/as leitores/as, cientes dos objetivos de relatórios de obreiros impressos em periódicos eclesiais — tais como, entre outros, arrecadar fundos para o Sínodo, prestar contas, justificar e legitimar as atividades do Sínodo —, teriam mais condições para interpretar o dito e o não-dito nas longas, freqüentes e expressivas citações diretas feitas no texto.

O livro veicula um volume impressionante de informações, não apenas sobre posturas do Sínodo Rio-Grandense ou ações dos obreiros itinerantes, mas também sobre as condições materiais de vida dos colonos migrantes, sua organização comunitária, suas formas de religiosidade e espiritualidade, suas alegrias e seus temores. O autor faz questão de sublinhar tanto os momentos de conflito entre elementos da cultura dos pregadores itinerantes e elementos da cultura das pessoas com as quais eles se encontravam como os momentos em que os pregadores buscaram compreender e integrar-se ao meio desse povo.

A situação de dispersão e isolamento dos colonos é apontada como uma das razões para a instituição da pregação itinerante pelo Sínodo Rio-Grandense. Vários relatórios de obreiros dão testemunho claro a respeito desse isolamento e definem a ação dos itinerantes como ida ao encontro de evangélicos dispersos e ajuda na preservação de sua fé e da cultura germânica. Levando em conta essa realidade de acentuado isolamento, a precariedade das estradas e dos meios de comunicação, o pastor itinerante se transformava, ele próprio, em meio de comunicação, em alguém que levava não só a “Boa Notícia”, mas também simplesmente notícias.

Notícias a respeito da pátria que se deixara para trás, notícias de parentes e conhecidos que estavam em outras colônias, notícias de progresso ou decadência de colônias. Além disso, o pastor itinerante aparece como mediador nas tensões políticas existentes nas colônias, ou dos colonos com autoridades públicas e administradores de projetos de colonização. Revela-se, assim, como figura-chave nas colônias, alguém que exercia grande impacto no seu universo cultural, econômico e político.

Igreja na migração e colonização retoma um tema para o qual um especialista (Joachim Fischer, Os primórdios da pregação itinerante e do trabalho de diáspora no Sínodo Riograndense, in: Id. (org.), *Ensaio luteranos*, São Leopoldo : Sinodal, 1986, p. 53-72) na história do Sínodo Rio-Grandense já apontara e aprofunda-o consideravelmente, trazendo com isso uma bela contribuição ao estudo da história da Igreja no sul do Brasil.

Ricardo Willy Rieth
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS